



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais

SANDRA CECÍLIA ROSENDO DE ALMEIDA

Imigração Japonesa e Identidade Nacional

BRASÍLIA
2007

SANDRA CECÍLIA ROSENDO DE ALMEIDA

Imigração Japonesa e Identidade Nacional

Monografia apresentada à Banca examinadora do Centro Universitário de Brasília, como exigência parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Relações Internacionais sob a orientação da Professora Renata Rosa de Melo.

BRASÍLIA
2007

SANDRA CECÍLIA ROSENDO DE ALMEIDA

Imigração Japonesa e Identidade Nacional

Monografia apresentada à Banca examinadora do Centro Universitário de Brasília, como exigência parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Relações Internacionais sob a orientação da Professora Renata Rosa de Melo.

Brasília, dezembro de 2007.

Banca examinadora:

Orientadora: Renata Rosa de Melo
Centro Universitário de Brasília

Integrante: Professor(a)
Centro Universitário de Brasília

Integrante: Professor(a)
Centro Universitário de Brasília

Dedico o presente trabalho aos meus queridos pais, Leila e Pedro, por todos os anos de dedicação e confiança, essenciais para esta realização.

AGRADECIMENTO

Agradeço principalmente a Deus por me dar força e proteção em todos os momentos, à disposição dos amigos que contribuíram para a formação deste trabalho, à orientadora e professora Renata Rosa de Melo pelo imponente auxílio e ao amigo Álvaro L. Dias Mourão pelos esclarecimentos e insubstituível dedicação.

“ Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize.”

Boaventura de Souza Santos

RESUMO

Esta monografia trata da questão da imigração japonesa no Brasil e da inversão do fluxo migratório, frutos da internacionalização dos países que buscam a resolução de problemas sociais e econômicos por meio da abertura à imigração. Aliada aos interesses dos países, há a necessidade de melhoria do nível de vida dos aspirantes imigrantes japoneses e brasileiros. São discutidos temas como os motivos históricos que levaram à imigração nipônica e ao início do movimento de kassegui. Migrações estas, que trouxeram resultados positivos e negativos. Nesse sentido, analiso como as razões pessoais, culturais ou financeiras, resistem ao processo de assimilação cultural e social desses indivíduos. As gerações de descendentes de japoneses compreendem um seguimento de mudanças relevantes da tradição nipônica nas colônias presentes no Brasil. Dessa forma, a cultura brasileira inevitavelmente adquirida, passa a fazer parte da vida de tais descendentes que, além de conviver com os hábitos japoneses, também sentem-se vinculados ao Brasil. Durante as várias décadas da presença japonesa nas terras brasileiras, a imigração japonesa no Brasil passou a ser observada como um movimento necessário para um melhor desenvolvimento do país. Proporcionou também um determinado enriquecimento na agricultura, um caráter ainda mais multiétnico, novos esportes, religiões, além das relações entre as duas nações prosperarem com o passar dos anos. Mais que uma simples mobilidade humana, a imigração compreendeu a formação da maior colônia japonesa no Brasil e da terceira maior colônia de brasileiros e brasileiros descendentes de japoneses no Japão. O dilema da definição da identidade foi outro importante fator decorrente das migrações entre os dois países. Enfim, foi uma fase marcante para o cenário histórico brasileiro e japonês por representar o sentimento de busca da felicidade, de mudanças, de renovação, conquanto, por vezes, possa resultar em fracassos, retrocessos e decepções.

Palavras-chave: Imigração, Dekassegui. Adaptação, Identidade.

ABSTRACT

This study is about the Japanese immigration to Brazil and the inversion of the migratory flux, caused by the internationalization of Countries that seek the resolution of social and economical problems through stimulating immigration. Accompanied by the interests of those Countries, there is also the need of achieving a higher quality of life of all who intend to migrate, both Japanese and Brazilian. New topics are discussed, such as the historical motives that caused the Japanese migration and the beginning of the “dekassegui movement”. This amount of migration has brought positive as well as negative results. This research analyzes how personal, cultural or financial motives resist the process of cultural and social assimilation of those people. In the colonies existent in Brazil, the generations of Japanese descendents have suffered relevant changes in the Japanese tradition. Therefore, Brazilian culture that was inevitably acquired is now part of the lives of those descendants, who now are bound to the Country they live in. Throughout the various decades of Japanese presence in Brazil, the phenomenon of this migratory movement has been considered a necessary step for the development of this Country. It has also provided a higher quality of agriculture, a more multiethnic character, new sports and religions, as well as a better relationship between the two Nations. More than a simple human mobilization, migration has caused the formation of the biggest Japanese colony in Brazil, and the third biggest colony of Brazilians in Japan. The dilemma of identity identification was another important factor caused by the migratory flux between Brazil and Japan. In essence, it was a striking period for Brazilian and Japanese historical scenario, once it represents the search for happiness, changes and renovation, as well as failures, retreats and deceptions.

Key-words: immigration, Adaptation, Dekassegui, Identity.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1- Imigração Japonesa no Brasil	14
1.1- Motivações históricas da imigração	14
1.2- História da Imigração Japonesa no Brasil	18
1.3- Cultura japonesa e sua influência na cultura brasileira.....	23
2- Imigração Brasileira no Japão	29
2.1- História da Imigração Brasileira no Japão	29
3- O Dilema da Identidade Japonesa.....	35
3.1- Identidade Nacional	35
3.2- Identidade Cultural	40
3.3- Homogeneidade Étnica no Japão.....	42
Conclusão	44
Referência	47

Introdução

A Revolução Industrial e o livre mercado promoveram um crescimento significativo da globalização. A mobilidade humana foi um fenômeno que iniciado a partir da interdependência dos países e das pessoas. A imigração dos japoneses ao Brasil e o movimento de kassegui exemplifica a atuação da globalização juntamente com os fatos históricos que permitem a intensidade da modernização de países que acabam interligados .

Foi uma notável façanha consciente e deliberada, dos fins do século XIX ao princípio do século XX (a Era Meiji), pois além de um grande exemplo vitorioso de evolução, também demonstrou uma execução eficiente e realizada energeticamente, pois alcança a modernidade e permanece uma potência mundial. Dessa forma é possível entender que a imigração japonesa foi um importante acontecimento que se iniciou como um das conseqüências da Era Meiji, já que a industrialização permitiu uma mudança relevante em diversos setores de desenvolvimento no Japão.

Essa revolução industrial causou um excesso populacional a partir das migrações internas no Japão. A questão da saúde foi outro ponto importante que melhorou com a evolução do país, dessa forma, observou-se a diminuição da mortalidade, o que causou o crescimento da população. Assim, infere-se que apesar do plausível sucesso industrial do Japão, surgiram conseqüências negativas e decorrentes problemas. Devido a intensa modernidade, tornou-se necessário a emigração desse excedente da população com vistas a resolver e evitar situações problemáticas na sociedade.

Diversos motivos explicam o fenômeno da imigração. Condições sociais precárias, como pobreza e desemprego são alguns dos principais fatos motivadores de um fluxo migratório constante e crescente. Outros fatores como guerras, questões políticas e religiosas, a violência, e até mesmo as transformações advindas da destruição do meio ambiente denotam o que levou à ocorrência da imigração em todo o mundo.

Quando se fala da imigração japonesa, as causas conhecidas são explicadas pela demanda de mão-de-obra de outros países, como o Brasil, com uma conseqüente e muito necessária diminuição demográfica do Japão e posteriormente pelos interesses de melhoria de renda através de trabalhos temporários ou mesmo fixos no exterior. Devido os interesses

de resolução dessas carências, a imigração é incentivada e subvencionada tanto pelo Brasil como pelo Japão. Ademais, o Brasil sempre foi um país possuidor de um vasto território, o que despertou o interesse dos colonos nipônicos que buscavam um país no qual depositar suas esperanças de conseguir suas próprias terras.

Um fator relevante a ser analisado para compreender a saída de japoneses é a cultura das famílias como motivo para a saída de japoneses do seu país. De acordo com a tradição nipônica e também conforme a lei do Japão, o filho mais velho é obrigado a cuidar dos pais idosos e dos negócios da família. Quando esses migram o intuito é evitar a decadência dos negócios, podendo ser por tempo determinado ou não. Os outros filhos devem procurar uma outra maneira de alcançar sustento. Inicialmente objetivam migrar angariando haveres para então retornarem à terra de origem ajudando no empreendimento da família. No entanto, muitos, durante a construção do futuro almejado decidem se fixar definitivamente.

A história da imigração japonesa no Brasil mostra-se essencial e definitivamente marcante na construção da herança cultural brasileira. São mudanças sociais, econômicas, políticas, que são deixadas desde o período de chegada e adaptação até a fixação definitiva, onde ainda hoje fornecem inovações e diversidades.

Na década de 80, com o desenvolvimento econômico do Japão aliado à crise em que se encontrava o Brasil, teve início o movimento de kassegui. Os objetivos deste podem ser iguais aos motivos do princípio da imigração japonesa no Brasil, ou seja, sair para alcançar trabalho e acumular recursos no exterior para depois voltar ao país de origem.

Muitos são os brasileiros atraídos para o exterior com o intuito de conseguir dinheiro num curto espaço de tempo. A ausência de mão-de-obra para determinadas atividades no Japão facilita a decisão do governo japonês em permitir que trabalhadores de nacionalidade japonesa e os brasileiros descendentes de japoneses radicados no Brasil emigrem para a terra natal e trabalhem temporariamente..

A semelhança física do indivíduo nikkey (japoneses e seus descendentes nascidos e residentes fora do Japão), é determinante para facilitar a entrada desse na terra natal. Embora, com ancestralidade nipônica, as dificuldades são notadas no trabalho, o qual é considerado depreciativo ao ser equiparado com os indivíduos que lá residem e possuem emprego fixo.

O imigrante nikkey não é facilmente aceito no Japão, sendo analisado de forma pejorativa e tratado com desvalor pela sociedade. Contudo o que deveria ser um trabalho temporário de curto prazo, estende-se por um prazo maior e até mesmo leva muitos à terminante radicação com seus familiares. A redução do retorno ao Brasil e o surgimento de comércios com produtos brasileiros comprovam a decisão de permanência dos dekasseguis no Japão.

Assegurar êxito financeiro a partir da migração era considerado fundamental pelos dekasseguis. Porém, realizar esses anseios de melhora social não era sempre possível, já que o custo de vida no Japão mostrava-se alto e o salário incompatível.

Ter sucesso como imigrante é algo incerto quando se trata de países distintos como Brasil e Japão. No entanto, a estada nipônica de fato apresentou-se importante para os imigrantes que realizaram seus anseios e para a formação histórica brasileira. O estreitamento das relações diplomáticas, as alterações políticas, culturais e sociais exemplificam as conseqüências da aproximação destes dois países, as quais mostram-se inerentes na atualidade para ambos.

São diversos os fatores que podem elucidar os antecedentes históricos e as conseqüências da migração desses trabalhadores brasileiros e japoneses que vêm e que vão entre suas nações de origem com objetivos singulares. O objetivo deste projeto é tentar compreender quais foram os motivos que ocasionaram esse fluxo migratório japonês e suas conseqüências na vida dos brasileiros e japoneses que sentem-se incertos quanto ao conhecimento da própria identidade.

O primeiro capítulo trata da história da imigração japonesa no Brasil e dos seus posteriores resultados. Como teve início e em quais circunstâncias tal movimento foi realizado. De fato, a cultura japonesa teve sua importância no Brasil, assim como, a cultura brasileira pôde ser de certa forma, assimilada por eles. Dessa forma, este capítulo também se preocupa em expor as principais influências culturais nipônicas encontradas na diversidade cultural do Brasil e os pontos positivos que contribuíram para o seu desenvolvimento.

O capítulo seguinte propõe a compreensão do fluxo migratório conhecido por movimento dekassegui. Esta transição parece corresponder a um fluxo contrário da imigração japonesa ocorrida no Brasil. Contudo, tanto os imigrantes japoneses, quanto seus

descendentes nascidos no Brasil emigram para a terra do sol nascente. As motivações e os resultados desta imigração serão devidamente explicados neste capítulo.

O terceiro capítulo procede no sentido de compreender o sentimento de brasileiros e japoneses envolvidos neste contexto migratório causador de mudanças culturais e pessoais que refletem a importante atuação da imigração japonesa nas terras brasileiras. Ademais, a apreensão da desmistificação da homogeneidade nipônica mostrou-se como outro ponto relevante a ser analisado.

Fica claro que a trajetória da imigração japonesa e brasileira teve abrangência significativa que resultou em conquistas, malogros e conflitos de identidade que tornaram-se contestadores e reflexivos.

Capítulo I- Imigração Japonesa no Brasil

1.1- Motivações históricas da imigração

Este capítulo tem como objetivo analisar o processo histórico da imigração japonesa no Brasil. Tal história foi constituída de diversas inovações e transformações relevantes, na cultura, na economia, na política e até na sociedade do Brasil e do Japão. Foram diversos os fatores e importantes consequências advindas dessa fase.

No momento em que o Japão passou do feudalismo para uma fase moderna, essa passagem representou um marco para o seu desenvolvimento. Foram diversas as transformações edificadoras da economia, da política e do campo social que corroboram a evolução do Japão em termos industriais, ou seja, a introdução da tecnologia, o sistema de transportes e comunicações, entre outros.¹

Foi um momento de renovação não só nos campos político, econômico e social, como também na forma de pensar dos indivíduos aspirantes a uma mudança de vida. A chegada da modernização na indústria, na tecnologia, trouxe oportunidades de emprego, facilidades e praticidades no dia-a-dia dos cidadãos, no entanto, ao mesmo tempo causou questões sociais negativas, como o desemprego daqueles que se viam despreparados para essa fase.

Essa fase de desenvolvimento causou um excedente populacional com as migrações internas no Japão, que como consequência, trouxe o desemprego, a escassez de comida, a pobreza, formando uma grande apreensão pela sociedade. Essa expansão demográfica também foi importante, já que o país teve um melhor desenvolvimento com relação às necessidades sociais, como exemplo, a assistência médica em geral. Devido à melhoria da qualidade de vida dos japoneses, há um relevante crescimento demográfico que provoca esse fator propulsor da emigração. A mesma surgiu como política pública para impedir a formação de problemas sociais.²

¹ Nogueira, Arlinda Rocha, Imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922), São Paulo-1973. p. 18-19.

² Idem, p. 20-21

De acordo com Francisca Schuring³:

“O movimento migratório foi em primeiro lugar predominantemente interno, produto e pré-condição do desenvolvimento industrial do Japão, com mão-de-obra expelida das regiões agrícolas, pobres, e onde os agricultores passavam por toda uma série de dificuldades.”

Para, Arlinda Rocha⁴:

“A natureza e os objetivos dos emigrados também variavam: se, de início, eram lavradores e artesãos urbanos que se movimentavam por terem perdido seus meios de produção, depois passaram a ser os flagelados das crises agrícolas ou os comerciantes e industriais falidos pelas crises econômicas cíclicas ocorridas no mundo contemporâneo.”

No ano de 1868 do século XIX começa a emigração japonesa por diversos países, pouco tempo após o fim da Revolução Meiji. Havaí, Austrália, Canadá, Peru são alguns exemplos de países que receberam imigrantes nipônicos. Além de trabalhadores, muitos estudantes japoneses também decidem estudar nos Estados Unidos e Canadá, o que aumenta em grande parte a quantidade de japoneses nesses países.⁵

Ainda conforme Francisca Shurig, inicialmente, a imigração japonesa ocorreu no Havaí, com plantações de cana-de-açúcar. Tal migração aconteceu sem o devido controle político do governo. Contudo, nos anos seguintes, houve a legalização por parte do governo e a participação das empresas particulares de emigração que causaram um grande aumento da saída de nipônicos.

Os emigrantes que se dirigiam para essas áreas fora do controle político japonês provinham, na sua maioria, de níveis sócio-econômicos inferiores e de áreas menos desenvolvidas e predominantemente agrícolas (mura) e a contribuição demográfica de migração para o Japão foi reduzida pelas sucessivas restrições impostas pelos países receptores. Cabe analisar o movimento migratório considerando suas implicações dentro do desenvolvimento geral da economia japonesa.⁶

³ Vieira, Francisca Isabel Shurig, O japonês na frente de expansão paulista, ed.Universidade de São Paulo, 1975, p.30.

⁴ Nogueira, Arlinda Rocha, Imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922), São Paulo-1973, p.17.

⁵ Vieira, Francisca Isabel Shurig, O japonês na frente de expansão paulista, ed.Universidade de São Paulo, 1973, p.33

⁶ Vieira, Francisca Isabel Schuring. O japonês na frente de expansão paulista, ed.Universidade de São Paulo, 1973, p.33

Com vistas a promover o desenvolvimento e expandir a emigração do Japão, nos mais diversos países, foi criada em fins do século XIX, o Departamento de Colonização com o intuito de expandir colônias japonesas a começar pela Europa.⁷

A partir de então, surgiram inúmeras companhias que analisavam os países que precisavam de mão-de-obra e, logo, providenciavam recrutar emigrantes japoneses interessados e cobravam uma determinada retribuição por essa atividade.

Para Ando e Wakisaka:

“As companhias procuravam aumentar o lucro extorquindo dinheiro dos emigrantes por meio dos mais variados artifícios: ora em forma de seguros, outras vezes sob a forma de depósitos compulsórios de economias que seriam devolvidas aos emigrantes somente quando estes regressassem ao país após o término do período contratual.⁸”

Houve um momento em que a presença de japoneses nos diversos países passou a trazer insegurança, devido a distinção cultural, o risco iminente da aproximação de uma nação potencial e a conseqüente concorrência que ficava mais rigorosa com a anexação e a submissão ao trabalho duro dos japoneses. Portanto a entrada desses começa a ser limitada por diversos países, condicionando a imigração japonesa à América do Sul. As empresas particulares, preocupadas com a restrição dos países, vêem no Brasil uma boa oportunidade para a inserção de japoneses.

A partir das limitações à imigração na América do Norte, a saída é emigrar para outras nações como o Brasil, que no fim tornou-se o país que mais recebe imigrantes japoneses.⁹

O movimento no Brasil ocorre de forma planejada, com a subvenção do governo e o auxílio das empresas particulares de emigração. Tal controle tornou-se com o tempo cada vez mais politicamente dirigido. As companhias de emigração se fundiram e formaram a Kagai Kogyo Kabushik Kaisha (Companhia Ultramarina de Empreendimentos, referida por K.K.K.K.) que foi instituída pelo governo japonês no início do século XX, colocando-se como empresa estatal em conjunto com as colônias. Havia a participação de duas

⁷ Nogueira, Arlinda Rocha, A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922),ed. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros- USP São Paulo, 1973, p.17

⁸ Idem, p. 32

⁹ Disponível em: wikipédia, a enciclopédia livre- Imigração japonesa no Brasil. acesso em: 20 de agosto de 2007.

empresas (Toyo-Imin e a Nambei-Imin). A emigração para o Brasil passa a ser exclusividade dessa associação.¹⁰

Com um maior incentivo direcionado à imigração japonesa para os diversos países que, por ventura, necessitavam de mão-de-obra, houve claramente um interesse crescente das famílias japonesas que buscavam alternativas de alcançar mais recursos para a construção de uma vida economicamente satisfatória. A procura dessas famílias passou a ser o foco da empresa K.K.K.K..

Com a chegada dessa companhia, a emigração passou a ser devidamente auxiliada e subsidiada, o que trouxe mudanças para a história da imigração japonesa e brasileira. Mudanças não somente com relação ao acolhimento dos japoneses pelo Brasil, como também referente à aproximação dos países através do interesse do Japão em investir no mercado brasileiro. Outro fato diz respeito ao importante incentivo financeiro direcionado, a emigração que torna-se mais freqüente a cada dia. Conforme aponta Francisca Shurig.¹¹

“ A migração adquire aspecto de colonização politicamente orientada através da ação monopolizadora da K.K.K.K., órgão executivo da política migratória japonesa. Ao lado da K.K.K.K. passam a agir também no Brasil Companhias de Colonização especificamente encarregadas de organizar e desenvolver núcleos planejados de Colonização.”

Segundo Francisca Shurig, com o trabalho árduo e as dificuldades encontradas pelos nipônicos nas terras brasileiras e com o advento da Segunda Guerra Mundial, os imigrantes sentiram-se limitados e as atividades da empresa K.K.K.K. foram interrompidas pelo governo brasileiro. A imigração japonesa foi reiniciada após a guerra, contudo, sem a ação das companhias japonesas.¹²

A vinda de nipônicos para o Brasil continuou naturalmente com contingentes cada vez maiores e mais freqüentes, por motivos diversos, mas principalmente com o intuito de

¹⁰ Vieira, Francisca Isabel Schurig, O japonês na frente da expansão paulista, ed. Universidade de São Paulo, 1973, p. 33, p.43-44)

¹¹ Vieira, Francisca Isabel Schurig, O japonês na frente de expansão paulista, ed. Universidade de São Paulo (1973 p.43)

¹² Vieira, Francisca Isabel Schurig, O japonês na frente de expansão paulista, ed. Universidade de São Paulo, 1973, p. 44.

conseguir trabalho, arrecadar uma boa quantia de recursos e voltar à pátria. Enfatiza Arlinda Rocha Nogueira.¹³

“Num primeiro período, o emigrado sonhava obter dinheiro fácil para se estabelecer como fazendeiro ou comerciante nos países de adoção; num segundo período, visualizava apenas uma permanência temporária, quando ganharia somente o suficiente para auxiliar seus familiares em dificuldade, para cobrir dívidas e voltar para a terra de origem.”

A imigração japonesa possui um contexto histórico complexo no início de sua estada, mas consideravelmente relevante no tocante à herança cultural, política e econômica deixada no Brasil.

1.2- Retrospectiva histórica da Imigração japonesa no Brasil:

Com o crescimento da lavoura cafeeira paulista no Brasil no fim do século XIX e a abolição da escravatura aliadas ao auxílio financeiro do governo brasileiro, a demanda por mão-de-obra aumentou e atraiu a princípio, imigrantes europeus. O governo brasileiro agia com desconfiança com relação ao imigrante japonês, por considerar o Japão, um país constituído de cultura e raça distintas. Por isso, a prioridade era dada aos europeus e, dessa forma evidenciava certo preconceito contra os imigrantes nipônicos. Mesmo que o foco principal estivesse em outros países em desenvolvimento, algum tempo depois elevou-se a necessidade de receber indivíduos da Itália, de Portugal, Espanha e cogitou-se também imigrantes da Ásia, o que favoreceu a economia das fazendas de café do Brasil.

As primeiras fases da agricultura cafeeira tiveram início nas fazendas Vale do Paraíba e Oeste Paulista, expandindo-se posteriormente para as fazendas do interior de São Paulo: Canaã, Floresta, São Martinho, Guataparará, Dumont e Sobrado.¹⁴

Um Tratado de Amizade Comércio e Navegação foi determinado para que Brasil e Japão pudessem negociar a vinda de japoneses ao Brasil. Uma das dificuldades que impediu a chegada dos imigrantes foi a crise do preço do café com a queda brusca do preço, a partir de 1898, que permaneceu durante anos. Por conta disso e de outras distintas pretensões, somente treze anos após a assinatura do Tratado, chegou uma relevante leva de imigrantes japoneses ao Brasil.

¹³ Nogueira, Arlinda Rocha, A Imigração Japonesa para a lavoura Cafeeira Paulista (1908-1922), ed. Publicação de Estudos Brasileiros- USP, São Paulo-Brasil 1973, p.17.

¹⁴ Disponível em: <http://www.mp.usp.br/cafe/textos/Vladimir>, acesso em 10 de outubro de 2007.

O que definiu, oficialmente, a vinda dos imigrantes ao Brasil foi a chegada do cargueiro Kasato Maru ao Porto de Santos. No dia 18 de junho do ano de 1908, a embarcação trouxe em média 781 imigrantes (165 famílias) que comportou cerca de 52 dias. No momento em que os japoneses chegaram ao país defrontaram-se com inúmeras complicações que tiveram que ser enfrentadas. A língua, a cultura, a religião, a alimentação, o clima e até mesmo o preconceito foram as dificuldades que surgiram e limitaram os objetivos iniciais dos japoneses recém-chegados.

Segundo Hiroshi Saito¹⁵:

A imigração japonesa foi introduzida em caráter experimental com a finalidade de cobrir a falta de braços na lavoura, agravada pelo decréscimo ou interrupção temporária da remessa de europeus. Como resultado dessa experiência, o colono japonês quando comparado com o italiano, espanhol ou outros povos mediterrâneos era considerado ineficiente como trabalhador nas fazendas de café devido à sua instabilidade e à fraca adaptabilidade.

Entende-se que a adaptação de italianos e espanhóis no Brasil foi claramente mais fácil devido uma evidente aproximação cultural e a apreensão da língua com mais facilidade. Portanto a busca de trabalhadores europeus foi realizada até a vinda dos japoneses.

A onda migratória japonesa para o Brasil trouxe, segundo a Embaixada do Brasil em Tóquio , 188.986 imigrantes no período que vai da chegada do Kasatu Maru (18 de junho de 1908) até 1941. Famílias inteiras partiram do Japão, da terra onde nasceram e cresceram, para talvez nunca mais voltarem.¹⁶

Era exigência do governo brasileiro que somente emigrassem famílias, para que assim pudessem se fixar, não interessava imigrantes que trabalhassem temporariamente. Contudo, o objetivo japonês se difere do brasileiro, já que a migração era constituída de famílias desintegradas com a maioria de solteiros. Isso pode ser justificado pelo fato do intuito do imigrante oriental se fundamentar na volta ao seu país.

Os imigrantes chegavam com esperanças de conseguir recursos de forma muito rápida, porém o salário era muito abaixo do esperado por eles. Além da baixa remuneração, era difícil a adaptação dos trabalhadores nas fazendas de café, no convívio com a diferente

¹⁵ Maeyama, Hirosh Saito Takashi, Estudo brasileiros- Assimilação e Integração Japonesa no Brasil, ed. Vozes LTDA- Petrópolis, RJ, 1973, p.129.

¹⁶ Disponível em: <http://www.imigrar.com>, migração japonesa e o fenômeno de kassegui, acesso em: 15 de outubro 2007.

sociedade e diferentes costumes. Dessa forma, muitos queriam retornar, ou então sair das lavouras em busca de outros trabalhos, no entanto, eram obrigados a cumprir o contrato de trabalho estabelecido pelos fazendeiros.¹⁷

Para Hiroshi Saito¹⁸,

Assim, quem teve a sorte de entrar em uma boa fazenda pôde juntar o capital necessário para partir para a lavoura independente. O que todos recordam depois de dez anos de imigração é que não sabem por que nessa época se afligiram tanto. Notam que hoje poderiam estar com uma vida melhor, se naquela tivessem agüentado mais um pouco. Sucede que no Brasil, cada ano se mostrava tão penoso que o que restava no pensamento vinha a ser apenas a pergunta: “Que é isso? O que sobrou de tanto sacrifício? Não era meu plano voltar para o Japão levando dez mil ienes? Que foi feito das proezas que contei ao sair da minha terra natal? Que pensariam meus pais e irmãos? Se nem pude até agora remeter-lhes algum dinheiro?”

Este depoimento denota os percalços pelos quais passaram os imigrantes nos primeiros anos de fixação nas fazendas do Brasil. Desiludidos com o baixo salário e o duro trabalho ainda sonhavam com sua autonomia. Com sorte, alguns conseguiram autonomia, ou expandiram-se para outros ramos de trabalho, conseguindo arrecadar algum dinheiro após um tempo. Todavia, muitos desistiram e retornaram com o malogro de seus planos iniciais e o posterior arrependimento de não terem insistido em conquistar seus anseios.

A Primeira e a Segunda Guerra mundiais ocorridas neste período de imigração, somaram como um dos motivos para um árduo processo de adaptação, já que se encontravam desconfortáveis com o cenário em que se encontrava o seu país que também estava envolvido no confronto. Com o início da Segunda Guerra Mundial, a imigração de japoneses foi interrompida.¹⁹

A estada dos japoneses no Brasil tornou-se difícil diante da perseguição do governo brasileiro. Ou seja, o uso da língua japonesa foi proibido, a exposição da cultura japonesa era condenável, também foi necessário que muitos imigrantes se mudassem para fora do litoral, já que o governo brasileiro receava ser acometido pelo Japão com o auxílio de seus compatriotas que radicavam no litoral. No final da Guerra surgiu um movimento chamado Shindo Renmei, (liga do caminho dos súditos) foi uma organização nacionalista, que surgiu

¹⁷ Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos>, história e lendas de Santos- Os imigrantes, acesso em 16 de outubro de 2007.

¹⁸ Maeyama, Hirosh Saito Takashi, Estudo brasileiros- Assimilação e Integração Japonesa no Brasil, ed. Vozes LTDA- Petrópolis, RJ, 1973, p.127.

¹⁹ Sakurai, Célia, Romanceiro da Imigração Japonesa, ed., p.81-82

no Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão na guerra) que tinha a intenção de mostrar aos brasileiros que o Japão não tinha sido derrotado na guerra, e que isso era uma idéia criada pelos Estados Unidos para debilitar o Japão.²⁰

Essa organização era dividida entre os que acreditavam na vitória do Japão, conhecidos como *katchigumi* ou "vitoristas", e os derrotistas que compreendiam a derrota do Japão na guerra. A procura dessa associação destinava-se àqueles que não apoiavam a dita vitória do Japão na Segunda Guerra e a punição para quem não a seguisse poderia resultar até mesmo em mortes. O fim só veio quando os participantes desse movimento foram detidos e condenados a saírem do país. Foi um período complexo e agitado, principalmente nos primeiros anos desse conflito, contudo, com o tempo a colônia japonesa decidiu retornar às suas diversas atividades nas cidades do Brasil.²¹

Nesse período a imprensa referente à imigração japonesa apresenta-se, podendo ser encontrada principalmente em São Paulo. Jornalistas e intelectuais expuseram argumentos a favor e contra os imigrantes e os nipo brasileiros, aproveitando-se da situação conflituosa. Os contrários à imigração não acreditavam na possibilidade de adaptação dos nipônicos no Brasil e também temiam que a nação brasileira ficasse exposta à imperialista nação japonesa. Já os que defendiam a imigração, se justificavam por motivos econômicos, pela habilidade na agricultura e por seu aspecto pacífico.

Foram poucos os japoneses restantes nas fazendas de São Paulo, já que esses, acabavam imigrando para as cidades para alcançar mais facilidades e privilégios em outras fazendas. Contudo, houve um novo fluxo de imigrantes que chega, e inevitavelmente enfrentou os mesmos problemas, mas com o tempo as complicações diminuíram e a durabilidade do trabalho nas lavouras de café cresceu.²²

Mesmo enfrentando situações complicadas, os imigrantes que desejavam retornar à terra natal, decidem permanecer no Brasil o que porventura trouxe bons frutos para os mesmos e também para os negócios brasileiros proporcionando a diversificação da produção da agricultura e aos poucos tornaram-se pequenos e médios proprietários rurais.²³

²¹ Idem , <http://www.bugei.com.br>

²² Idem.

²³ Disponível em: http://www.diasmarques.adv.br/pt/historico_imigracao_brasil.htm, acesso em: 26 de outubro de 2007.

Após a Segunda Guerra Mundial, japoneses e brasileiros reconciliaram-se e o aspecto de vida do imigrante japonês passou a mudar. Através de acordos bilaterais, essas pessoas passaram a ter acesso às escolas, deixando de trabalhar como mão-de-obra barata. Esses foram os primeiros imigrantes japoneses chegados ao Brasil, os quais chamados de isseis.

A maior parte dos japoneses alocou-se nas regiões Centro, Norte e Oeste do Estado de São Paulo, depois seguiram para o norte do Paraná e Mato Grosso do Sul. Cidades como Marília, Tupã, Bastos, Registro em São Paulo, Londrina, Maringá no Paraná, Dourados em Mato Grosso do Sul foram transformadas com a presença dos japoneses. Esses imigrantes e seus descendentes deixaram inúmeras marcas no cenário sócio-econômico e cultural do Brasil. São eles, efetivos participantes das fortes mudanças que o país experimentou durante o século XX.²⁴

Na década de 60 do século XX, muitas famílias japonesas alcançaram independência no trabalho. Trabalhos como feirante, vendedor ambulante, tintureiro, costureira, são algumas das funções exercidas pelos japoneses quando migram para outras cidade. A integração dos nipônicos nas diversas áreas de trabalho proporcionou uma melhor convivência entre japoneses e brasileiros, o que determinou também, o crescimento de casamentos entre eles. Nesse mesmo período, o Japão se reabilita da sua queda econômica.

Pode-se dizer que a diferença cultural existente entre Brasil e Japão foi considerada um fator negativo para a harmonia social e como consequência para a evolução econômica brasileira. O Brasil precisava de mão- de- obra barata, enquanto o Japão necessitava emigrar o excedente populacional para diminuir e evitar problemas sociais.

Dessa forma, ambos se ajudaram, mas as dificuldades advindas dessa imigração trouxeram prerrogativas de que esse acontecimento traria somente questões insolúveis. No entanto, com o tempo foi possível perceber que o talento empreendedor e a vontade de trabalhar do indivíduo japonês era muito útil e essencial para o país.

O Brasil possui a maior colônia de japoneses imigrantes em todo mundo.²⁵ E esse fato também contribui para o desenvolvimento da nação brasileira. Muitos descendentes dos primeiros imigrantes encontram-se estabilizados nos seus respectivos trabalhos no Brasil, e muitos outros demonstram hoje um incomparável destaque nas áreas profissionais

²⁴ Disponível em: <http://www.japaobrasil.com.br>- Centenário da imigração, acesso em 25 de outubro de 2007.

e notavelmente na área empreendedora.²⁶ São netos e bisnetos que permanecem no Brasil com o objetivo de crescer financeiramente.

1.3- Cultura japonesa e sua influência na cultura brasileira

O intuito do indivíduo japonês é trabalhar no Brasil temporariamente e alcançar sucesso.²⁷ De acordo com o depoimento de um casal de imigrantes, foi possível entender os simples e principais motivos que levaram à imigração japonesa.

“Após a guerra, procurávamos a oportunidade de uma nova vida, para alcançar prosperidade no trabalho e conquistar o próprio pedaço de terra. As dificuldades cresciam no nosso país, não tínhamos condições de manter a família com aquela precária situação e menos ainda de conseguir um lugar nosso do qual pudéssemos tirar um renda. A única saída foi emigrar, por um tempo até conseguir acumular um capital e aí sim voltar para o Japão.”²⁸

Os acontecimentos na terra brasileira foram diversos e imprevisíveis, ou seja, existem aqueles que não se adaptam e retornam, mas também existem os que permanecem, alcançam os objetivos, (mesmo que seja dentro de um considerável tempo) e no fim criam raízes a partir de gerações de descendentes. Os imigrantes acabam por edificar o desenvolvimento da cultura, da economia, a partir do cultivo na agricultura, da aproximação dos dois países, entre outros.

A primeira geração, conhecida por issei (japoneses nascidos no Japão) é lembrada por aquela que mais preservou a cultura de origem. A criação de colônias pelos japoneses promoveu um certo isolamento que dificultou o convívio social fora delas. A intenção era recriar o espaço que os japoneses possuíam no seu país, o qual era composto pela distinta homogeneidade cultural nipônica. Morando em comunidades nipo-brasileiras (pessoas nascidas no Japão radicadas no Brasil), eles mantinham contato com seus ancestrais e como consequência com sua tradição, procuravam ficar a par das notícias do país através de revistas ou jornais geralmente em língua japonesa. Os pais procuravam falar a língua japonesa em todas as ocasiões, as festividades nipônicas eram comemoradas, a religião continuava a ser seguida, entre outras.

²⁵ Disponível em: <http://www.japaobrasil.com.br>, acesso em: 12 de agosto de 2007

²⁶ Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br>, acesso em: 20 de agosto de 2007.

²⁷ Maeyama, Hiroshi Saito takashi, *Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil*, ed.Vozes LTDA, 1973 p.58.

²⁸ Entrevista realizada por: Sandra Cecília Rosendo de Almeida com os imigrantes Yasuko e Hiroshi Hayakawa no dia 31 de outubro de 2007 em Brasília.

A segunda geração (nissei) é constituída pelos filhos dos primeiros imigrantes japoneses. A mesma encontra entraves na sua adaptação devido a grande ligação que seus ancestrais ainda possuem com seu país. Ou seja, há a grande necessidade por parte de seus parentes, que seja mantida a cultura, a comemoração das festas típicas, o hábito alimentar, a tradição matrimonial e a grande dedicação aos estudos, somando a isso, o aprendizado da língua japonesa. De forma natural, os nissei crescem mais próximos da cultura tradicional nipônica, o que dificultou a assimilação da cultura brasileira. Entende-se que houve uma junção das duas culturas, brasileira e japonesa, formando como consequência uma cultura miscigenada, já que a influência das mesmas na vida do nissei foi inevitável.²⁹

Os netos dos imigrantes japoneses da terceira geração são os chamados sanseis. Pode-se dizer que a maioria deles, assim como os yonseis, da quarta geração (bisnetos), situam-se adaptados na terra brasileira, isso por que apresentam-se menos influenciados pela cultura nipônica ou mais distantes. Contudo a idéia de emigrar, seja por curiosidade em conhecer o país dos ancestrais, seja para estudar ou por experiência de vida, é presente nos planos desses descendentes.

A integração cultural e social dos imigrantes japoneses no Brasil, de uma forma geral, foi gradual e vagarosa, o contrário do ocorrido com os outros imigrantes presentes. A dificuldade de comunicação foi um dos motivos que mais travaram a interação nipônica no Brasil. Os primeiros imigrantes passaram por consideráveis sofrimentos até adaptarem-se à nova vida. No que diz respeito aos principais vínculos existentes no Japão, existe uma mudança mais rápida. Conforme Maeyama³⁰:

“Imediatamente após a emigração, os imigrantes perderam muito de suas práticas religiosas e seus laços de parentesco extra-familiar, adquirindo em troca, novo tipos de identificação de grupo; primeiro, em forma de relação fictícia de parentesco e, segundo, etnicidade ritualizada e dramatizada em culto ao Imperador.”

Um exemplo de dissociação cultural dos descendentes está no pouco domínio da língua japonesa. O interesse dos filhos, netos e bisnetos pelo aprendizado da língua é reduzido gradualmente. Ou seja, a cultura de seus descendentes foi se perdendo com o tempo devido a fixação no Brasil deixar de ser um apenas uma necessidade para tornar-se uma aspiração natural.

²⁹ P.78- a herança cultural dos imigrantes brasileiros no japão

³⁰Maeyama, Hiroshi Saito, , Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil, ed.Vozes LTDA, 1973, p.244.

Segundo depoimento da cineasta brasileira Tizuka Yamazaki, quando criança, foi obrigada a aprender a língua japonesa. Contudo não fez o mesmo com seus filhos, esperou que decidissem por esse aprendizado por vontade própria, muitas vezes por curiosidade.³¹

Outro exemplo é a tradição do Japão com relação ao casamento. Ainda considerado um rígido costume, o casamento somente entre japoneses era exigido até mesmo dentro das colônias no Brasil, o contrário era absolutamente reprovável pela maioria dos imigrantes, já que o intuito era retornar ao Japão. Contudo, o casamento fora da comunidade tornou-se um fato comum, mesmo que no início tenha sido priorizada a união entre parentes.

“No caso dos imigrantes japoneses no Brasil, essa situação de isolamento étnico acabou por se deteriorar a partir da década de 1970. Os imigrantes de primeira geração raramente se casavam com um não-japonês, porém, a partir da segunda e terceira geração, o fenômeno da miscigenação passou a fazer parte da realidade da colônia japonesa no Brasil.”³²

Entende-se que a melhor forma dos recém imigrantes japoneses se estabelecerem no Brasil foi através de uma aproximação matrimonial entre japoneses, já que precisavam de uma base instituída, para definir uma identidade. Contudo, muitas famílias foram formadas através de casamentos interétnicos.

Conforme afirma Francisca Schurig³³:

“As diferenças entre brasileiros e japoneses, embora reconhecidas, nem sempre conduzem a uma dicotomia rígida, não superável, com aderência ao casamento endogâmico, que por sua vez reforça a identificação étnica. Assim, um "Japão-
Novo" e um nissei, acentuando a diferença dos costumes e do sistema familiar, julgam que ela não é de molde a impedir a união com brasileiros. Para outros chefes de família, há possibilidade de sucesso e o casamento com brasileiro "é bom", quando realizado entre "pessoas instruídas, estudadas".

De início o intuito era evitar o casamento entre japoneses e brasileiros, para que fosse mantida a endogamia, e logo, a tradição japonesa. O receio apresentado por essa relação mista era justificado principalmente pela distância cultural e pela dificuldade de comunicação entre os dois povos. Motivos esses, que para os japoneses deveriam ser analisados, pois romperiam com a estrutura homogênea étnica e econômica que tanto se

³¹ Tizuka Yamazaki, *Gaijin I- Caminhos da liberdade* 2002.

³² wikipédia, enciclopédia livre, *Imigração japonesa*. Acesso em: 20 de outubro de 2007.

³³ Vieira, Francisca Isabel Schurig, *O japonês na frente de expansão paulista*, ed. Universidade de São Paulo 1973, p.155.

fazia necessária por eles ³⁴. No decorrer dos anos, esse pensamento começou a ser deixado a margem das necessidades japonesas.

Apesar de gradualmente difundir sua tradição no Brasil, é também natural que os japoneses absorvam muito da cultura brasileira no convívio real e constante com os costumes. Nota-se então uma junção de valores e crenças que permite uma certa aproximação dos dois países.

É fato que a cultura brasileira passa a se disseminar entre os descendentes de japoneses. No trabalho, na vida pessoal, nos hábitos do dia-a-dia, na escola e assim o contato com a cultura do país de origem vai se diluindo. O conhecimento da língua, da tradição familiar, da educação, são costumes que deixam de ser seguidos pela maioria, porém essenciais, podendo até favorecer os imigrantes na emigração e na adaptação durante a estada no Japão.

Dessa forma, a miscigenação é um fato que demora a acontecer quando se trata de uma cultura reclusa na sua tradição. No entanto, no ano de 1970 do século XX, a partir da 2ª e 3ª geração, a exogamia é um fenômeno que começa a se disseminar na colônia japonesa a partir de casamentos entre japoneses com brasileiros e japoneses com imigrantes de outras nações.

Formando uma comunidade mista, brasileiros e japoneses trocam conhecimentos, costumes, crenças, entre outras inúmeras diversidades culturais. É uma multiplicidade de fatores que traz conseqüências transformadoras. Promove o enriquecimento e desenvolvimento da agricultura brasileira, a assimilação de religiões diversas pelos brasileiros e japoneses, esportes e uma interessante culinária.

A influência dos japoneses também pode ser identificada na diversidade de religiões brasileiras. Assim, além da marcante presença do catolicismo no Brasil, é possível encontrar a propagação de algumas crenças japonesas como o xintoísmo e o budismo.³⁵ São as religiões mais presentes no Brasil, tanto pelos brasileiros que decidem segui-las, como pelos japoneses que continuam a cultivá-las.

³⁴ Idem.

³⁵ O budismo surgiu na Índia, no entanto, espalhou-se pela China e por fim chegou ao Japão através da Coreia. Depois de amplamente difundida no país, o budismo foi adotado como religião oficial do Japão.

Conforme Hirosh Saito³⁶:

“Todos os japoneses eram virtualmente “budistas” na sua chegada. O budismo no Japão tem- se fundido tão profundamente que pode ser chamado de “religião tradicional japonesa”. Os japoneses no Brasil, identificando-se fortemente na base de sua nipocidade, entendem o “budismo”, o xintó, e as “novas religiões” todos eles em termo de “religião japonesa”. Do mesmo modo, quase todos os brasileiros são católicos. assim, os japoneses budistas na sua própria classificação, eram categorizados, à sua chegada ao Brasil, essencialmente como acatólicos.”

Os japoneses vêem o catolicismo no Brasil essencialmente como “religião brasileira”, percebe-se que há uma oposição conceitual de “religião japonesa” e “religião brasileira” entre os japoneses no Brasil.³⁷

No tocante à aceitação da religião católica pelos nipônicos, percebe-se que é naturalmente aceita e respeitada. Dessa forma, passa a ser aderida por muitos japoneses, principalmente pelos descendentes nascidos no Brasil. Outra herança deixada pelos japoneses está nos esportes, o karatê, o sumô e o judô, são amplamente reconhecidos e praticados pelos brasileiros.

Segundo Hirosh Saito³⁸:

“O simples fato de existir na comunidade japonesa a designação *nissei* para distinguir os descendentes de imigrantes sugere que lhes é atribuída uma posição particular e que não se espera necessariamente a sua participação total na cultura japonesa. “Há mesmo certas pessoas que, sendo nisseis, evitam o uso desse designativo e o fazem deliberadamente. O termo *nissei* era, então, um sinônimo do que é inferior, do que é submisso, do que não é puro”.

A aceitação do afastamento de seus descendentes pelos isseis mostrou-se conflituosa, pois o ideal da família japonesa era preservar a cultura e a tradição do país juntamente com sua família. Contudo, inevitavelmente, não somente os nisseis, como também os descendentes das demais gerações aderiram aos costumes do Brasil e aos poucos viram-se mais distantes da cultura dos seus ascendentes.

Ainda para Hirosh Saito³⁹:

³⁶ Maeyama, Hirosh Saito, Estudos Brasileiros- Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil, ed. Vozes LTDA, Petrópolis –RJ. 1973, p.248.

³⁷ Idem. p. 248

³⁸ Idem. p. 322

³⁹ Maeyama, Hirosh Saito, Estudos Brasileiros- Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil, ed. Vozes LTDA, Petrópolis –RJ. 1973, p.322.

Da doutrina de 'wakon yosai'(alma japonesa com sabedoria ocidental) ou, mais especificamente, 'wakon hakusai'(alma japonesa com sabedoria brasileira), o 'issei' passou a abraçar nova teoria: 'hakushu' nitiju' (brasileiro em primeiro lugar e japonês em segundo plano)...

A dicotômica aculturação dos japoneses no Brasil, resulta numa situação, de certa maneira, confusa e indefinida. A conexão próxima ou não do país de seus ancestrais, a conservação da cultura nipônica ou as influências diversas, propõem incertezas e muitas vezes desapontamentos pelos descendentes que sentem-se isolados, rejeitados e muitas vezes confusos com relação à identidade nacional e cultural.

Capítulo II - Imigração Brasileira no Japão

2.1- História da imigração brasileira no Japão

O foco deste capítulo é elucidar o entendimento dos motivos que levaram à emigração dos dekasseguis ao Japão: seu início e as conseqüências desse fato histórico para as duas nações.

Foi em meados da década de 80 do século XX, que o Brasil deixou de ser um país somente receptor de imigrantes e passou a observar uma importante emigração de sua população para o exterior em uma espécie de fuga da crise econômica existente no Brasil nesse período. Com isso a quantidade de brasileiros com destino ao Japão aumentou notavelmente. Essa crise pode ser composta por inúmeros problemas, como o pouco interesse externo por investimentos no Brasil; a elevação crescente da dívida externa; o aumento da inflação e dos juros; o alto desemprego; os baixos salários; busca de melhoria de qualidade na saúde; educação, entre outros.

Essa intensa crise favoreceu um grande interesse por parte dos brasileiros de alcançar conquistas sociais e econômicas em outros países. Devido ao atrativo desenvolvimento econômico do Japão a partir da década de 80 e de sua expansiva tecnologia, o fluxo migratório elevou-se e atraiu brasileiros descendentes de japoneses os quais buscam elevar o nível de vida. Isso pode ser denominado como “fenômeno dekassegui”. Dekassegui é um termo constituído pelas palavras japonesas *deru (sair)*, e *kassequ* (ganhar dinheiro, trabalhar). É utilizado para denominar aquele indivíduo que deixa sua terra natal para trabalhar em outras regiões mais desenvolvidas.

Dessa forma, um japonês que migra para outras cidades dentro do seu país, o imigrante japonês situado no Brasil ou um brasileiro de ascendência nipônica que emigra para o Japão é considerado dekassegui. Os imigrantes japoneses que não querem continuar no Brasil, os brasileiros e suas famílias de ancestralidade japonesa informados da necessidade de mão-de-obra no Japão, buscam atender à essa carência. A demanda existente é de mão-de-obra barata para a realização das atividades repelidas pelos japoneses. O que ocorre é um fluxo contrário ao ocorrido no ano de 1908, quando muitos imigrantes japoneses chegaram ao Brasil buscando riqueza a curto prazo, mas deparam-se

com o inesperado trabalho “pesado” e a reduzida recompensa. Com base no depoimento da nissei Elisa Hayakawa⁴⁰:

“Muitos imigrantes japoneses, depois de um tempo relevante no Brasil, que decidem retornar ao Japão, vão simplesmente para visitar os parentes, às vezes parentes que estão doentes, e juntam o útil ao agradável. Ou seja, fazem bicos para ganhar um dinheiro enquanto estão lá, mas logo voltam. A verdade é que só ficam lá, aqueles que no início da imigração não se adaptam no Brasil e decidem voltar ao seu país, enquanto aqueles que moram há muito tempo no Brasil como os meus pais, por exemplo, que moram aqui há 38 anos, não gostam de idéia de mudar de um ambiente ao qual já estão habituados e o fato de ter que começar do zero não anima. O que vejo hoje com relação aos dekasseguis, é que em geral eles são da terceira geração.”

Com isso, os japoneses que ao chegarem aqui não alcançaram o que esperavam, acabaram por retornar ao Japão, mesmo que encontrem dificuldades. Mas os que optam por tentar e conseguir um bom trabalho, no fim, constroem patrimônio e assimilam a cultura brasileira, por isso emigrar de volta não os favorece, já que teriam que recomeçar com um novo negócio e ter coragem suficiente para lidar com o diferente ambiente. No que diz respeito aos descendentes desses imigrantes, a idéia de emigrar para o Japão aparece mais positivamente. O intuito é estudar e trabalhar temporariamente, mas com o tempo muitos decidem não voltar ao Brasil porque também conseguiram conquistar um patrimônio. Tal patrimônio teria que ser construído do zero no Brasil.

No início da emigração (em geral isseis), as pessoas que pretendiam trabalhar no Japão tinham idade mais avançada ou possuíam família. A migração era restrita. Como as leis que vigoravam no Japão ainda proibiam a emigração daqueles que desejavam trabalhar por tempo indeterminado, os imigrantes chegavam ao país como turistas e trabalhavam ilegalmente.

Conforme Luiz Sugimoto⁴¹, os nativos do Japão se recusavam a realizar tarefas de baixa qualificação, enquanto que os trabalhadores dos países vizinhos (Paquistão, Bangladesh, China, Taiwan, Tailândia) invadiam, muitas vezes clandestinamente, o país. Assim a única forma de conseguir mão-de-obra para os serviços rejeitados e para evitar a invasão de outras etnias, foi através da Reforma da Lei de Controle e Imigração do Japão, de 1990.

⁴⁰ Entrevista realizada por Sandra Cecília Rosendo de Almeida, dia 31 de outubro de 2007.

⁴¹ Sugimoto, Luiz, 2002, Universidade Estadual de Campinas.- Jornal da Unicamp.- disponível em: <http://www.unicamp.br>, acesso em: 25 de outubro de 2007.

É fato que a mudança na lei do Japão foi um fator essencial no favorecimento oficial da emigração. Tal lei permitiu ao descendente nipônico, alocar-se com visto temporário pelo período de 2 a 3 anos.⁴² Ademais, o fato de possuírem descendência japonesa, eliminava complicações burocráticas para entrar no território do sol nascente. No entanto o fornecimento do visto só era aceito até a terceira geração, enquanto que para a quarta, no caso dos filhos, era preciso a presença dos pais.

De acordo com Luiz Sugimoto⁴³, o dekassegui, entendido como japonês no Brasil e estrangeiro no Japão, inventa um jogo de identidades para lidar com situações constrangedoras. O fato de trabalhar em atividades de baixa qualificação permitia que os dekasseguis fossem malvistas pela colônia no Brasil. Os residentes na colônia acreditavam que sujeitar-se a trabalhos inferiores condicionava o fracasso, o que ofendia o orgulho dos japoneses que imigraram para o Brasil no século 20. As principais áreas de atuação requeridas eram em empresas automobilísticas e eletro – eletrônicas.⁴⁴

Somente no decorrer do tempo, os descendentes de japoneses vêem a imigração como uma forma de alcançar um futuro melhor a partir dos altos salários quando comparados ao Brasil. Desta forma, ocorre uma maior demanda de destemidos emigrantes que em geral, são jovens de classe média, que embora, possuam instrução escolar emigram para trabalhar em setores que não exigem qualificação.⁴⁵

Observa-se que há uma determinada seleção quanto a emigração para o Japão, ou seja, há preferência pela população nikkey (imigrantes japoneses ou descendentes de japoneses no exterior). O fato de privilegiar determinada população para a entrada no país, está na idéia de preservar o seu povo, aproveitando-se de seu trabalho e cultura. Os próprios emigrados do Japão também desfrutam dessa prerrogativa de retorno. A proximidade cultural e o conhecimento na língua japonesa explicaria essa preferência, já que poderia facilitar a inserção desses indivíduos na sociedade, no entanto, ainda sim são considerados estrangeiros no Japão.⁴⁶

⁴² Sakurai, Célia. Imigração Japonesa, 1993 p.30

⁴³ Sugimoto, Luiz, 2002, Universidade Estadual de Campinas.- Jornal da Unicamp

⁴⁴ Disponível em: <http://www.abdnet.org.br/>, acesso em: 21 de outubro de 2007.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.-> Resenhas e Críticas bibliográficas, acesso em: 21 de outubro de 2007.

⁴⁶ Sakurai, Célia, Imigração japonesa, p.34

Ao analisar a situação dos outros estrangeiros diante do mercado de trabalho, esses descendentes privilegiados também encontram maiores facilidades. A semelhança física possibilita a fácil integração dos indivíduos no trabalho e na sociedade. Contudo, os empregos não possuem boa qualificação, denominados pelos japoneses como três “ks”: Kitanaí (sujo), kiken (perigoso) e kitsui (penoso) e também a eles não são concedidos todos os direitos que os trabalhadores fixos possuem. Depois de um tempo, até mesmo os brasileiros adicionam mais dois ks aos serviços ocupados: Kirai (detestável) e kibishii (exigente).

A imagem dos dekasseguis foi depreciada no Japão, eram analisados de forma pejorativa, porém, convenientemente necessários para o trabalho árduo. Somente com o tempo a população japonesa passou a aceitar a integração brasileira na sociedade. Tal acontecimento é facilitado pela homogeneidade física que permite uma interligação entre eles.

Para a cineasta brasileira Tizuka Yamasaki, os nipo-brasileiros são vistos como tranquilos e quietos no Brasil, mas desordeiros e barulhentos no Japão. No momento em que vão ao Japão é que percebem que o comportamento é brasileiro, já que não são tratados e nem percebidos como japoneses no país do Oriente. Mesmo com o passar do tempo essa questão não se modifica quando o assunto é homogeneidade étnica.

Após algum tempo, a imigração tornou-se um fato constante que precisou ser aceito, até mesmo devido as vantagens garantidas a ambos os países, mão-de-obra para o Japão, menos desemprego para o Brasil, entre outros. E com a melhor aceitação desses imigrantes, torna-se necessário recepcioná-los com a criação de setores que possam atender especificamente às necessidades dos brasileiros. São lojas, centros de alimentação, áreas de atendimento ao público e até mesmo jornais em língua portuguesa especiais para os nipo-brasileiros.

A posição potencial econômica e tecnológica em que se encontra o Japão⁴⁷ permite uma forte ilusão e decorrentes planos de crescimento financeiro pelas pessoas que decidem migrar e voltar ao Brasil com bons recursos angariados. Mas as dificuldades surgem para

⁴⁷ Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes>, acesso em: 27 de agosto de 2007.

esses trabalhadores que esperavam retornar em pouco tempo para casa. O salário oferecido não corresponde ao alto custo de vida japonês, assim a pretensão de construir patrimônio tornava-se menos acessível. Com base nos depoimentos dos dekassegui Mioko Arikawa e Manoel Higuchi⁴⁸ :

“Minha família inteira embarcou no sonho que todos os descendentes de japoneses tinham: ir para o outro lado do mundo tentar trabalhos com melhores salários e uma qualidade de vida mais digna. Foram dez anos, nove meses e um pensamento que não saía da cabeça: "A volta ao Brasil". Temos que pensar no dinheiro. Porque se formos pensar em alegrias... Há muitas pessoas com depressão e problemas mentais porque a pressão em cima é muito grande".

“Fui mais para poder comprar uma casa, ter alguma coisa e aprender um pouco da cultura. Foi um tempo de trabalho duro, serviço pesado como operário de indústria: 12 horas por dia, meses inteiros sem folga. Às vezes, sofrimento mais do que físico. Rostos familiares com sensações de estrangeiro. Fomos comprar um aparelho numa loja, e o rapaz me pediu um fiador. Meu amigo, que não é japonês foi lá, mas ele disse que o fiador tinha que ser japonês. Na volta ao Brasil, o dinheiro deu para comprar uma pequena casa, de cem metros quadrados, num modesto bairro em São Paulo. E só. Agora, a preocupação é como pagar as contas do mês, tenho casa, mas não tenho emprego.”

Alguns dekasseguis escolhem permanecer no Brasil, por que ao emigrarem notam que as desvantagens são consideráveis de início, somente com o tempo esse fator negativo poderia mudar. O dekassegui Eduardo é um exemplo que destaca a preferência pelo Brasil, "quero ver se consigo me formar no Brasil para poder me manter e sobreviver aqui. A gente precisou ir para lá, sentir na pele que não é um mar de rosas, para voltar para o Brasil com outra cabeça e falar que aqui é onde queremos ter o futuro".⁴⁹

Esses descendentes de japoneses explicam que o sonho de alcançar um futuro melhor escondia-se atrás de um rigoroso trabalho e um salário que não era compatível ao alto custo de vida encontrado no Japão. Dessa forma, entendem que o ideal é voltar ao Brasil e recomeçar, embora a volta também signifique enfrentar dificuldades.

Um fato complicado é que as famílias acabam se desintegrando, enquanto somente alguns membros da família viajam em busca de sucesso. O restante da família permanece no Brasil e espera que os entes retornem com recursos que ajudem na reabilitação, na compra de uma casa ou na criação de algum ramo de negócio para viverem bem. Porém,

⁴⁸ Disponível em: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/>,- Migrantes brasileiros. Acesso em:29 de outubro de 2007.

⁴⁹ Idem.

em diversos momentos o que ocorre é o prolongamento da permanência dos dekasseguis, que acabam segregando-se dos parentes por muito tempo.

Infere-se que o movimento dekassegui foi um momento da migração internacional que surgiu com intuito de solucionar problemas sociais (carência de mão-de-obra barata japonesa e desemprego no Brasil). Contudo, além de trazer mudanças nesse sentido social de ambos os países, o movimento condicionou a conflitos, de certa forma, dramáticos no tocante à identidade dos nikkeis.

Capítulo III- O Dilema da identidade japonesa

3.1- Identidade Nacional

O objetivo deste capítulo é a compreensão do conflito que ocorre com a definição da identidade nacional e cultural dos imigrantes e seus descendentes e da existência da mítica homogeneidade étnica japonesa.

A conhecida imigração japonesa no Brasil está relacionada à junção das culturas de dois países muito distintos. A intenção foi suprir as necessidades de braços para as lavouras e não fazia parte dos planos governamentais da época, a inserção de grupo étnico tão diferente na sociedade brasileira.

Para Sasak, Elisa⁵⁰:

“Os “amarelos”, isto é, os asiáticos, não condiziam com os ideais da construção da identidade nacional brasileira, que era baseada na política de embranquecimento, embora eles tenham sido vistos como uma alternativa para compor a mão-de-obra e atender à demanda na lavoura cafeeira. Além disso, havia uma preocupação em relação à sua adaptação nas terras brasileiras. A questão da assimilação esperada pelos nacionais se contrapunha à racionalidade econômica e produtiva.”

Fica claro que, “o japonês não sendo branco nem negro, não encontrou facilmente o seu lugar no Brasil. Negros e brancos eram as duas pontas de uma tensa relação racial que atravessava as diversas naturezas das relações sociais estabelecidas no Brasil.”⁵¹

Dessa forma, é possível perceber que o conflito étnico entre japoneses e brasileiros, ocorre desde o início da imigração japonesa para o Brasil. A aceitação dos japoneses não foi simples e a assimilação foi lenta. Contudo, esse processo ocorre gradualmente até uma determinada estabilização dos nipônicos. Mas, com o movimento de kassegui, a questão da identidade nacional ressurgiu de forma conflitiva entre os dois povos. O costume e a convivência de décadas com os japoneses e seus descendentes no Brasil dificulta a diferenciação do lado ocidental e da sociedade japonesa. Ou seja, assim como os japoneses absorveram bem a cultura brasileira, os brasileiros também acostumaram-se com os hábitos

⁵⁰ Disponível em: <http://www.scielo.br/f>. Sasak, Elisa, A imigração japonesa- Estudos Avançados- (2006, p.100).

⁵¹ Idem, p.101.

nipônicos. Entretanto, sabe-se que esses imigrantes possuem características especiais e próprias que muitas vezes são preservadas, como a persistência e a eficiência no trabalho.

Manter a tradição familiar no Japão foi extremamente relevante e ainda hoje tem uma dada importância. Exemplos como: a sucessão do primogênito nos negócios da família, com os demais filhos trabalhando em outras áreas para conquistar recursos; os estudos como prioridade; respeito e obediência aos mais velhos; a prática do casamento arranjado; a submissão da mulher diante do marido e diversos outros costumes, foram e alguns ainda são seguidos por muitas famílias japonesas.⁵²

Os imigrantes que no Brasil se estabelecem acabam por constituir famílias. No início são formadas colônias que tentam reconstruir o ambiente em que viviam no Japão, e com a fixação dos imigrantes por mais tempo, ocorre o aparecimento de outras gerações, as quais, desenvolvidas no Brasil, não conseguem manter, inteiramente, os hábitos de seus familiares japoneses.

Para os japoneses da segunda geração, são passados os valores da cultura nipônica, no entanto, paira o receio pelos pais de uma possível não adaptação dos filhos no retorno a sua pátria. Com o crescimento cultural e educacional desses descendentes, surge de forma mais forte a questão da identidade nacional, ou seja, há uma preocupação dos japoneses de terem uma nacionalidade definida.

O confronto de identidade dos japoneses acontece nas mais diversas áreas, na escola, no dia-a-dia, no trabalho, e por isso, o convívio torna-se mais conflituoso tanto no Brasil, quanto no Japão. Definir esse sentimento para uma melhor integração mostra-se essencial.

Conforme H.N.⁵³

“Precisamos nos integrar completamente na sociedade brasileira. Não quero ficar em grupos minoritários. Mas a situação dos nisei é muito difícil. Na escola brasileira vivendo com os brasileiros, é preciso ser brasileiro, seguir o padrão dos jovens brasileiros, mas a “cara” não ajuda. Em casa, têm que adotar o padrão de jovens japoneses, mas não são japoneses puros, sentem-se marginalizados.”

Com esse depoimento, é possível imaginar as complicações com relação à identidade nacional dos japoneses, principalmente aqueles da primeira e da segunda geração. A construção das próprias personalidades tornava-se difícil. De um lado, a

⁵²

⁵³ Sakurai, Célia; Lebon, André. **Romanceiro** da Imigração Japonesa, ed. São Paulo: Sumaré1993 p.86.

necessidade de manter a tradição imposta pela família, e do outro, o comportamento conforme a sociedade brasileira. Esta situação aparecia como um dilema para os japoneses.

O confronto enfrentado pelos nisseis trazia pensamentos confusos e dúbios, não pretendiam deixar de lado a preservação das tradições impostas pelos pais. Mas a pressão que sentiam era clara e difícil de lidar. Os sentimentos e tentativas para solucionar essa situação paralela ficavam cada vez mais fortes e inevitáveis.

De acordo com outro depoimento de H.N.⁵⁴: “Nós temos é que assimilar o mais rápido possível a cultura do Brasil. Os japoneses nos impõem muitas tradições, costumes e valores deles. Mas nós já somos brasileiros.”

A tentativa de manter a tradição nipônica mostrou-se frustrada. O dilema dos descendentes aumentava a distância entre seus consangüíneos. A tradição do casamento, por exemplo, deveria ser realizado a partir de uma análise dos “dados” do cônjuge, tais como, ser descendente de japonês, a posição social e a postura moral da família também era considerado um dado relevante para a união do casal. De fato, representava um problema para os imigrantes da primeira geração de japoneses quando seus filhos não seguiam a tradição de terem seus parceiros escolhidos, e a situação era ainda mais conflitiva quando o casamento acontecia com um não japonês.

Com o surgimento das demais gerações essa situação vai se tranquilizando, os casamentos com não japoneses são inevitáveis, a inserção de outros costumes brasileiros na vida dos nikkeis também ocorre naturalmente. Mas os laços com seus ascendentes ainda existem.

As características físicas dos descendentes, filhos, netos e bisnetos de imigrantes japoneses, são semelhantes às dos cidadãos japoneses, e isso propõe a questão de identidade nacional na vida dos mesmos. Tal semelhança, proveniente do isolamento da colônia que possibilitou um número considerável de casamentos entre eles, permite que ainda sejam vistos como japoneses, mesmo que falem português e se comportem como brasileiros. Entende-se que a definição de identidade fica ainda mais confusa, uma vez, que a iminente emigração para o Japão possibilita o convívio com o país de seus ascendentes.

A partir do movimento de kassegui, o confronto da identidade do nikkei mostra-se ainda mais enredado. Os nipo-brasileiros sentem-se cada vez mais indagados a respeito da

⁵⁴ Idem, p.87

sua nacionalidade. Fazer parte de duas culturas diferentes traz questionamentos para os japoneses que migram entre Brasil e Japão.

Para C.M.⁵⁵:

“A verdade é que os brasileiros me consideram japonês e os japoneses acham que sou muito abrasileirado. Não tem jeito é realmente um problema duro, meu caro! É claro que eu me sinto brasileiro, brasileiríssimo, mas há pontos em que eu preciso concordar com meu pai (...)”

Uma entrevista realizada com uma descendente de japonês ainda sobre a questão de identidade, denota o conflituoso sentimento que chega a transparecer brincadeira, no entanto, possui relevância quanto a definição da nacionalidade: “ Não sou ninsei nem sansei, mas não sei ou às vezes cansei.”⁵⁶

Esses depoimentos comprovam o distanciamento em que se encontra o nikkei do país de seus antecessores. Acostumados à terra brasileira, a ligação com o Japão torna-se mais distante e superficial.

Os dekasseguis que vão para o Japão, além de sentirem uma grande diferença cultural, são depreciados no trabalho, na sociedade, o que mostra que os brasileiros descendentes de japoneses e até mesmo os próprios imigrantes que retornam ao país de origem não são inteiramente aceitos pelos japoneses. É como se o tempo de permanência deles no Brasil, desfizesse os vínculos nacionais.

Desta forma, continuar no Brasil e a vontade, unida à iminente necessidade de emigrar para o Japão, provoca embaraço nos descendentes dos imigrantes. Estes podem ter dificuldades na adaptação e na aceitação. Aqueles que voltam, da mesma forma, deparam-se muito inseguros com relação à própria identidade. Para a nissei Elisa Hayakawa⁵⁷:

“Meus pais, que chegaram aqui há anos ainda consideram-se estrangeiros no Brasil e visitantes no Japão. Eu que sou da segunda geração, assim como meus irmãos, não temos uma identidade definida. Não encontramos espaço, somos vistos como estrangeiros aqui no Brasil, simplesmente por carregarmos traços físicos japoneses e estrangeiros no Japão por apresentarmos o comportamento ocidental. Ao chegar no Japão, as pessoas observam que você é diferente, o jeito de andar, os gestos mais livres, a forma espontânea de falar, e por isso se afastam e te julgam como estrangeiro, no trabalho, na rua e até mesmo dentro da família.”

Sentimentos como os expressos acima definem o tratamento dado aos dekasseguis no Japão, desde a recepção da sociedade, dos familiares, até a escolha do trabalho e a

⁵⁵ Idem, p. 85

⁵⁶ Filme: Tizuka Yamazaki, Filme: Gaijin- Caminhos da liberdade.

depreciação no mesmo. Não só a aceitação dos japoneses foi difícil, como também a adaptação dos dekasseguis foi de início bastante complexa.

Ter dúvidas quanto à própria identidade, a distância, pode parecer estranho, contudo, trata-se de uma realidade encarada por muitos indivíduos japoneses ou por seus descendentes que migram entre os dois países por um tempo considerável. Foi verificado que aqueles que moram no Brasil há vários anos, sentem-se brasileiros pelo fato de estarem acostumados, mas também consideram-se japoneses porque respeitam e preservam o valor dado à cultura do país de origem.

Existem os descendentes de japoneses que foram educados conforme a tradição nipônica, tiveram que aprender a falar e a escrever a língua, no entanto, não emigraram para o país dos ancestrais. Sentem-se brasileiros e satisfeitos com sua identidade, embora respeitem e muitas vezes cultuem os costumes e valores de sua ancestralidade. De acordo com o depoimento de uma yonsei, percebe-se que a identificação da nacionalidade está diretamente relacionada ao modo de vida e ao sentimento do imigrante ou descendente.

“Não tenho intenção de deixar o país. Sinto-me brasileira com muito orgulho de ser brasileira. É a terra que me criou e onde descobri o que é viver. Com relação a descendência japonesa, carrego com muito orgulho, pois é a cultura que me ensinou o valor do trabalho, da honestidade, da humildade, tudo o que aprendi com meus pais e avós.”⁵⁸

Não emigrar para o Japão ou não sentir-se dissociado nos ambientes sociais e de trabalho favorecem o sentimento de vínculo com o Brasil, já que não sentem grande influência do impacto cultural dos dois países. Enquanto muitos outros que emigram, fixando-se ou não no Japão, passam por momentos de insegurança quanto à sua identidade nacional.

O sentimento de diferenciação dos dekasseguis brasileiros é posto em questão quando os nikkeis que cultivavam a nacionalidade japonesa e faziam questão de apresentar essa impressão no Brasil, já não eram assim considerados quando entram em contato com os japoneses no Japão. Ademais, os descendentes de japoneses quando emigram para o Japão também sentem um determinado conflito de identidade a partir da restrita aceitação pelos japoneses natos.

⁵⁷ Entrevista realizada com Elisa Hayakawa por Sandra Cecília Rosendo de Almeida, 31 de outubro de 2007.

A feição parecida trazia situações complicadas. Para os japoneses era necessário que os nikkeis brasileiros tivessem o mesmo comportamento deles pelo fato de haver uma contigüidade cultural pela descendência. Ao mesmo tempo eram vistos como estrangeiros e mão-de-obra barata.

Assim, no que se refere à identidade nacional pode-se concluir que os imigrantes e seus descendentes passam por conflitos no momento em que não definem de forma convicta se pertencem a um ou a outro país. Como absorvem costumes de ambos os países, muitos não têm uma definição.

3.2- Identidade Cultural

Para compreender a complexidade existente entre fenótipo e comportamento que de certa forma, determina a identidade nacional de um indivíduo, é preciso analisar a dinâmica da identidade cultural desses imigrantes. Sabe-se que a identidade cultural está ligada às tradições, aos hábitos, as crenças e também ao sentimento de vínculo com a sociedade em que se vive. O movimento migratório condiciona que os imigrantes se desvinculem dessa comunidade, o que causa receio e insegurança, perdendo de certa forma um referencial de identidade.

A identidade cultural de um indivíduo não é imutável, mas passível de transformações a partir da absorção de experiências. O movimento migratório demonstra que não há como manter inteiramente a essencialidade da cultura de origem, contudo há um contexto histórico que não se perde facilmente, o conservadorismo da tradição e o valor dado, por exemplo, às guerras vencidas e perdidas que modificaram econômica e ideologicamente a história japonesa. Segundo os imigrantes Yasuko e Hiroshi Hayakawa⁵⁹:

“Mesmo possuindo família no Brasil, decidimos emigrar para o Japão e tentar a vida lá, mas muitas coisas tinham mudado e nossa tentativa acabou frustrada, durando apenas 6 meses, pois o que mais incomodava era a falta de espaço. É certo que qualquer cultura acrescida a outra, sempre terá o lado positivo e o lado negativo, no entanto o lado negativo, somado à saudade que sentíamos da família falou mais forte e achamos melhor voltar e continuar com o que já tínhamos aqui.”

⁵⁸ Entrevista realizada com Haruna Kadowaki Alencar, por Sandra Cecília Rosendo de Almeida, dia 13 de outubro de 2007.

⁵⁹ Entrevista realizada com Yasuko e Hiroshi Hayakawa, por Sandra Cecília Rosendo de Almeida, no dia 31 de outubro de 2007.

A emigração dos dekasseguis ao Japão provoca um choque cultural relativamente grande quando encontram com a fechada população japonesa. Habitados à terra brasileira, acabam sendo reconhecidos como tipicamente brasileiros já que os hábitos são notavelmente distintos. A forma de falar, de agir, de vestir, de pensar, entre outros, fazem parte da cultura adquirida pelos dekasseguis no Brasil. A semelhança física não mostra-se suficiente para a aceitação desses no Japão.

A partir das mudanças ocorridas no passar dos anos e com a modernidade advinda da globalização em todo mundo, inclusive no Japão, a cultura japonesa modificou-se muito, principalmente aos olhos dos imigrantes, embora ainda preserve tradições consideradas importantes. Dessa forma, tanto os dekasseguis quanto os japoneses do Japão são surpreendidos com as diferenças observadas. Não só a cultura, como também, a língua ensinada pelos ancestrais, demonstra mudanças devido influências externas, tais como, gírias, expressões estrangeiras, e isso afasta os dekasseguis de um contato mais próximo com os japoneses.

O surgimento das gerações de descendentes de japoneses no decorrer do tempo proporcionou uma mudança na adaptação com a chegada ao Japão. Um melhor ajustamento pode ser adquirido de acordo com a geração a que pertence o descendente nipônico. Quanto maior a proximidade com os seus ancestrais, mais a identidade cultural fica arraigada ao descendente japonês. Ou seja, um indivíduo de segunda geração adapta-se mais facilmente no Japão devido uma maior ligação com os antepassados da primeira geração. As demais gerações, obviamente ficam mais distantes da história e da tradição japonesa e mais conectada ao Brasil e seus costumes.

Portanto, ao emigrar para o Japão o dekassegui espera ser reconhecido como japonês, entretanto, sente-se fortemente estrangeiro quando se depara como “diferente” devido ao seu comportamento em relação à cultura japonesa. Para lidar com essa situação a tentativa é conviver em áreas onde a maioria da população é composta de dekasseguis que passam por condição semelhante.

Hoje é possível notar que a interação entre japoneses e brasileiros em ambos os países, está mais natural e conectada. O crescimento da ida de brasileiros ao Japão assim como o surgimento de departamentos com produtos específicos de um país ou outro,

principalmente nas cidades onde se alojam grande parte de brasileiros, o costume ou a assimilação dos mesmos e as dificuldades advindas do choque cultural atenuam-se.

3.3- Homogeneidade étnica no Japão.

O nacionalismo surge nos países que vêm na imigração o início da perda de homogeneidade étnica, lingüística e cultural. No Japão não foi diferente, já que o nacionalismo mostrou-se presente e dominante, através da busca da homogeneidade. Contudo nem mesmo no Japão, conhecido como um país quase inteiramente homogêneo na sua etnia, o aparecimento de povos pertencentes a outras nações pôde ser evitado.

Os movimentos migratórios e a presença de grupos minoritários, mesmo que pequenos, na terra japonesa comprovam que o Japão não é um país homogêneo, como demonstra a cultura nipônica. A introdução de brasileiros descendentes de japoneses no Japão exemplifica a cada vez maior interconexão entre os países, e logo, a difícil possibilidade da existência de homogeneidade.

Pode-se dizer que a imagem de um país homogêneo na sua etnicidade faz parte da identidade cultural do Japão. Contudo é possível verificar que a origem étnica dos primeiros habitantes desse país é na verdade composta por diversas outras etnias que compõem o povo japonês. Entre os séculos I e VII percebe-se uma aproximação entre Japão, Coréia e China, o que leva ao deslocamento de imigrantes desses países para o até então arquipélago japonês. Como resultado, ocorre a mistura de algumas etnias encontradas na formação da população japonesa. A descendência vem principalmente do povo jomon (o nome da primeira fase da civilização Japonesa) e do povo Yayoi, esse último vindo com a imigração de coreanos e chineses, a etnia mongólica e a malaio polinésia também fizeram parte dessa formação.⁶⁰

Os grupos dessas etnias se desfizeram com a constituição do povo japonês e por isso há uma idealização de homogeneidade japonesa. No entanto, como descrito acima, sabe-se que a partir de uma análise da origem étnica do Japão, essa questão pode ser confrontada. Além da pluralidade étnica, há também a presença de grupos minoritários que comprovam a não a homogeneidade do país. Trabalhadores japoneses que nasceram ou foram criados

60

no exterior, e as minorias estrangeiras (brasileiros (dekasseguis), coreanos, chineses, taiwaneses e os aino) são exemplos de grupos que fazem parte do Japão e que sofrem discriminação por serem estrangeiros e possuírem culturas distintas.

A questão do preconceito sofrido por esses grupos minoritários pode levar ao questionamento da xenofobia no Japão. A introdução de imigrantes brasileiros, geralmente descendentes de japoneses, muitas vezes, são exemplos de vítimas da discriminação neste país. A realização da seleção para a entrada de imigrantes no Japão permite essa análise xenófoba.

Dessa forma, entende-se que a requerida homogeneidade no Japão consiste em dúvidas quanto ao porque da sua introdução, mas é possível observar a contestação e a negação da sua existência.

Conclusão

A presença japonesa no Brasil e o movimento de kassegui possibilitaram a formação de uma história diferente em ambos os países. Costumes, ideologias, a questão política e econômica, foram as áreas modificadas com o passar do tempo.

Com base em algumas entrevistas realizadas com imigrantes japoneses e na leitura selecionada, podemos observar que os mesmos vieram para o Brasil para fugir do pós Guerra e das dificuldades advindas com ela. Ademais, buscavam prosperidade e queriam oferecer aos filhos melhores oportunidades de vida.

Constatou-se que a chegada dos imigrantes com a necessária assimilação dos japoneses no Brasil, foi um processo complexo e dramático, mas apesar das grandes emoções vividas por eles, a superação foi admiravelmente alcançada. A apreensão da língua, a dedicação ao trabalho foram essenciais para a sobrevivência e a adaptação japonesa.

De acordo com os depoimentos dos imigrantes, a impressão que eles tiveram ao chegar, foi de um lugar desordenado, o que os deixou perdidos, pelo fato, de serem “certinhos” e sistemáticos. Deparando-se com essa situação, a adaptação mostrou-se mais distante, até porque decidiram viver isolados em colônias.

A educação que os primeiros imigrantes deram aos filhos no Brasil foi estritamente ligada à cultura e aos valores da tradição japonesa, já que pretendiam preservá-la. Frequentavam a escola com brasileiros e passaram por situações adversas de aceitação e assimilação, mas continuaram próximos da tradição japonesa.

Foram observados momentos difíceis até a fixação dos japoneses no Brasil. Embora muitos tenham desistido e retornado ao Japão, boa parte permaneceu e insistiu no intuito de fazer dar certo através do trabalho, já que a maior parte dos imigrantes permaneceu e construiu uma relevante estabilidade econômica, frente a uma percepção de vida melhor que se apresentava no Brasil e não no Japão.

Nota-se que muitos imigrantes japoneses e seus descendentes tornaram-se fazendeiros, empresários bem sucedidos ou simplesmente construíram patrimônios conseguindo estabelecer-se nas terras brasileiras.

Foi perceptível a marca que os japoneses deixaram na história brasileira. Demonstraram coragem e dedicação nas horas mais difíceis e ainda acabaram por acrescentar de forma positiva nos cultivos e no uso de verduras e legumes, tiveram contribuição importante na atual miscigenação brasileira, ademais possibilitou que a relação entre Brasil e Japão se estreitasse.

Muitos japoneses que retornam para o Japão, no momento em que este apresenta um bom desenvolvimento e melhores oportunidades de trabalho, depararam-se com o impacto cultural. Apesar do país também se notar modificado, o choque não deixa de ser forte. Fica difícil acostumar-se novamente, assim como, também não são facilmente assimilados. Dessa forma muitos retornaram para retomar o que deixaram ou recomeçar o que ficou perdido. Ao mesmo tempo muitos que depois de um tempo, retornam para o Brasil sentem-se novamente deslocados e não conseguem recomeçar e ou se ajustar. Tornou-se frequente ir e vir desses imigrantes, principalmente os que possuem dupla nacionalidade.

Inferiu-se que, nos últimos tempos, boa parte dos que emigram para o Japão para ficar são os descendentes dos japoneses, principalmente da terceira e quarta geração, que saem do país para estudar, aproveitam também para trabalhar e angariar recursos ou vão simplesmente para conhecer o país de seus familiares e acabam conquistando um bom trabalho, o que acreditam não ser possível conquistar no Brasil depois de já estabelecidos.

O movimento migratório dos japoneses ao Brasil e o posterior fluxo contrário, conhecido por movimento de kassegui, foram complexos e geraram um sério conflito de identidade nacional e cultural sentido pela maioria deles. De acordo com os entrevistados foi possível perceber que somente os descendentes de japoneses que nunca chegaram a emigrar para o Japão, foram os que de fato não se sentiram indecisos com a própria identidade e consideraram-se brasileiros. Enquanto que os imigrantes e os descendentes que vêm e que vão entre Brasil e Japão sentem-se perdidos e inseguros. Os mesmos, chegaram a conclusão de que se consideram estrangeiros no Brasil e visitantes no Japão ou simplesmente não possuem uma identidade definida.

Hoje, o Brasil possui a maior colônia de japoneses do mundo. Enquanto que a comunidade brasileira (maioria de de kasseguis) no Japão é a terceira maior fora do Brasil. Esses dados comprovam o progresso da imigração japonesa no Brasil, que antes era

reprovável por compor uma distinta etnia e cultura das então presentes no Brasil naquele momento inicial de ausência de mão-de-obra.

O crescimento das colônias em ambos os países justifica a melhor integração dos povos, sejam eles imigrantes no Brasil, ou dekasseguis no Japão. Um exemplo considerado é o aparecimento de lojas, centros de alimentação, associações, enfim, recepção dos imigrantes e oferta de produtos condizentes aos costumes de cada um.

Por fim, resta afirmar que a internacionalização dos povos é em definitivo um fenômeno inevitável, até mesmo para o povo japonês. A mobilidade humana foi e é um fenômeno transformador para os países receptores de imigrantes e para a vida dos indivíduos que se submetiam muitas vezes a condições dramáticas de vida com esperanças de um futuro mais promissor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Imigração Japonesa. Disponível em: wikipédia, a enciclopédia livre. Acesso em: 20 de agosto de 2007.

IMIGRAÇÃO. Disponível em: <http://www.mp.usp.br/cafe/textos/vladimir>. Acesso em: 10 de outubro de 2007.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha, Imigração Japonesa na História Contemporânea do Brasil. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo 1973.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha, Imigração Japonesa na Lavoura Cafeeira Paulista (1908-1922). Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros- USP. São Paulo, 1973.

KAWAMURA, Lili. Imigrantes Brasileiros no Japão. Campinas: UNICAMP, 1999, p. 78.

VIEIRA, Francisca Isabel Shirig, 1973. O Japonês na Frente de Expansão Paulista- O Processo de Absorção do Japonês em Marília, São Paulo. São Paulo, Livraria Pioneira, Editora da Universidade de São Paulo.

SAITO, Hirosh Takashi Maeyama. O Japonês no Brasil. Estudo de Mobilidade e Fixação. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Editora “ Sociologia e Política”. 1961.

SAITO, Hirosh Takashi Maeyama. A Presença Japonesa no Brasil. São Paulo, T.A Queiroz/Edusp. 1980.

LEÃO, Valdemar Carneiro. (1989). A Crise da Imigração Japonesa no Brasil, (1930-1934). Contornos Diplomáticos. Brasília, Fundação Alexandre Gusmão. Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais. 1990.

SAKURAI, Célia. Romanceiro da Imigração Japonesa. São Paulo. Ed. Sumaré. 1993.

SASAKI, Elisa. Movimento Dekassegui: a emigração migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. Cenas do Brasil migrante. São Paulo. Ed. Bomtempo, 1999.

SILVA, José Graziano. A Presença Japonesa no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo, T.A. Queiroz, 1980. (Coroa Vermelha).

MIGRAÇÃO JAPONESA e o fenômeno de kassegui. Disponível em: <http://www.imigrar.com>. Acesso em: 15 de outubro de 2007.

OS IMIGRANTES, História e lenda de Santos. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br>. Acesso em: 16 de outubro de 2007.

IMIGRAÇÃO, Centenário. Disponível em: http://www.diasmarques.adv.br/pt/historico/migracao_brasil.htm. Acesso em: 26 de outubro de 2007.

IMIGRAÇÃO, Centenário. Disponível em: <http://www.japaobrasil.com.br>. Acesso em: 25 de outubro de 2007.

SAKURAI, Célia. Imigração Japonesa para o Brasil. Um exemplo de Imigração Tutelada-1908-1941. Disponível em: http://biblioteca_virtual.clacso.org.br.ar. Acesso em: 20 de agosto de 2007.

BENINCASA, Vladimir. Fazendas de Café. Disponível em: <http://www.mp.usp.br/santos>. Acesso em: 16 de outubro de 2007.

JAPONESA, cultura. Disponível em: <http://www.scielo.br/f>. Sasaki, Elisa- Estudos avançados 2006;

JAPÃO. Fundação. Disponível em: <http://fisp.org.br/> Cultura japonesa. Acesso em: 25 de outubro de 2007.

YAMASAKI, Tizuka. Filme: Gaijjin I- Caminhos da Liberdade. Sociedade Brasileira. Disponível em: <http://www.bugei.com.br>. Acesso em: 20 de outubro de 2007.

